

PARA UMA VOLTA À CATEQUESE NARRATIVA Fé pascal e "história de Jesus" em Mc 16, 1-8

Juan A. Ruiz de Gopegui S.J.

I. A QUESTÃO

O final do evangelho de Marcos (16, 1-8) é desconcertante. Tanto assim que no século segundo da era cristã julgou-se necessário acrescentar-lhe um novo final(1). Mas a exegese reconhece cada vez mais a coerência da conclusão primitiva e o seu valor para a compreensão do relato marciano. O desconcerto do leitor não deverá ser situado no âmbito da admiração e do tremor extáticos (*trómos kai ékstasis*, 16, 8) das mulheres que visitam o sepulcro na manhã da ressurreição? E o silêncio dessas mulheres não estará sugerindo que perante o mistério que transcende radicalmente a "história" que vinha sendo contada até então, o relato deve calar e o leitor não tem outra possibilidade de penetrar no mistério senão voltar uma e outra vez ao relato evangélico e, guiado pelo Espírito, tratar de perceber na história de Jesus a força reveladora de um caminhar histórico que é, paradoxalmente, o caminho do Senhor (*hodós tou kyríou*, cfr. 1, 2-3)(2)?

- (1) Duas conclusões são atestadas pelos manuscritos. A mais breve diz: "Mas elas narram logo aos que estavam com Pedro tudo o que lhes fora encomendado. Mas, depois disto, o próprio Jesus, enviou por meio deles, do Oriente ao Ocidente, o sagrado e imperecível anúncio da eterna salvação. Amém". A mais longa, Mc 16, 8-20, foi declarada canônica pelo Concílio de Trento; embora acrescentada ao texto de Marcos nos começos do sec. II, ela transmite tradições do período apostólico, que concordam com as dos outros evangelhos. Apesar da longa discussão sobre a possibilidade do evangelho original terminar no v. 8 (como o leitor poderá verificar nos comentários citados na bibliografia), existe hoje mais que "uma certa probabilidade que o *euaggelion* que Marcos, segundo 1, 1, queria anunciar, tenha alcançado a sua meta com 16, 7s., e assim possuamos o texto completo de Marcos" (W. G. KÜMMEL, *Einleitung in das N. T.*, Heidelberg 1973, p. 73; citado por PESCH, o.c. na Bibliografia, 1, p. 91-92). A hipótese de que se tenha perdido o final original não tem mais probabilidade. Para maior informação sobre o problema ver PESCH, 1, 90-101 e 2, 793-814.
- (2) Mostrar o caminho de Jesus no evangelho de Marcos com o caminho de Deus da profecia do Deutero-Isaías é o argumento da tese doutoral de E. MANICARDI citada na bibliografia. Ver sobretudo p. 148-170.

Este artigo tenta mostrar que o testemunho apostólico da fé na ressurreição, tal como é apresentado por Marcos (em consonância com os outros escritos neotestamentários), obriga a teologia a levar muito a sério a força reveladora da "história terrena de Jesus", quando contemplada a partir da sua morte e sob a iluminação do Espírito, e a sua influência na gênese da fé dos discípulos na ressurreição do Mestre. Fé, evidentemente, que tem sua origem numa ação divina e não é mero resultado de considerações subjetivas sobre o paradoxal caminho de Jesus. Mas essa ação divina se realiza, conforme o testemunho do NT, através da luz que emana da figura reveladora de Jesus. Figura que pertence à nossa história e que, através dos escritos apostólicos, pode irradiar a sua luz no decorrer dos tempos.

Isto contradiz uma certa maneira de ver as coisas, apoiada em afirmações extremosas da escola da história das formas, segundo a qual a história terrena de Jesus seria totalmente opaca e somente a experiência da sua ressurreição a teria tornado transparente, como por um golpe de mágica. Além disso, essa história não teria chance alguma de chegar até nós, pois os testemunhos da fé apostólica do Senhor ressuscitado nada nos diriam a respeito dela. Com boa dose de humor afirma o exegeta inglês Vincent Taylor: "Se os partidários da história das formas têm razão, então os discípulos tiveram que ser transportados ao céu imediatamente depois da ressurreição" (3).

É impossível que esta maneira de imaginar as coisas tenha influenciado mais do que pensamos a catequese. O autor destas linhas tem feito alguns testes sobre o conhecimento da história de Jesus por parte de adolescentes que freqüentam a catequese e também por parte dos mesmos catequistas e o resultado tem sido alarmante: não se conhece a "história de Jesus". Ora se a narração dessa história é fundamental para a gênese da fé em Jesus, Filho de Deus, exaltado à direita do Pai, não será essa uma das causas da fragilidade da fé de muitos cristãos, tão exposta à fascinação das inúmeras seitas que oferecem soluções para as necessidades imediatas um povo carente?

A leitura de *Marcos 16, 1-8*, que nos remete à releitura de todo o relato evangélico, pode trazer luz a esta problemática teológica e pastoral. Esse é o objetivo desta leitura.

(3) *The Formation of the Gospel Tradition*, London 1933, p. 41.

II. SITUAÇÃO DO TEXTO EM TERMOS DE CRÍTICA HISTÓRICO-LITERÁRIA

Do ponto de vista da crítica literária podemos dizer com R. Pesch(4) que o texto em questão era conclusão da narração pré-marciana da paixão. Marcos recolhe o texto sem mudá-lo e conclui com ele o seu evangelho. Estamos, portanto, diante de um dos testemunhos mais antigos da fé e da teologia dos primeiros discípulos de Jesus. A história pré-marciana da paixão remonta à primeira comunidade de "galileus" em Jerusalém (cf. At 1, 11; 2, 7) e provavelmente ela já existe antes do ano 37, sendo utilizada, junto com outras tradições sobre a ação de Jesus na Galiléia, no ensinamento catequético dos judeus convertidos à fé cristã na capital(5).

Diversamente da maior parte dos relatos dessa história, que nos transmitem com muita fidelidade fatos bem concretos, e até pormenores cuja única razão de estar no texto só pode ser a recordação histórica do acontecido, Mc 16, 1-8 é uma "narração composta", inspirada quanto à formação na tradição apocalíptica, para transmitir de maneira narrativa, a mensagem pascal(6). O relato foi composto como conclusão da história da paixão como o mostra a sua forte conexão redacional com os relatos da morte e da sepultura. Ele quer dizer ao ouvinte da história da paixão que a morte e a sepultura de Jesus, narradas no horizonte da tradição bíblica da *paixão do justo*, não são o desenlace final da história: a última palavra foi dita por Deus, justificando Jesus através da ressurreição e exaltação à sua direita, conforme a profecia pronunciada pelo réu diante do sumo sacerdote (cf. 14, 62). Isto, porém já não pode ser dito com a referência pontual aos fatos, que transcendem a história, embora tenham sua repercussão na história: a fé causada pela ação do Espírito de Deus que se revela também como o Espírito de Cristo. Estamos portanto diante de uma peça mestra de teologia narrativa: uma nar-

(4) Cf. 2, p. 757-760.

(5) Cf. R. PESCH, 2, p. 48.

(6) Diversos gêneros literários deixam sua marca no relato: o gênero tradicional de libertação ou de abertura de portas, as narrações de epifanias ou angelofanias, mas sobretudo os relatos que apresentam a procura do corpo de alguém arrebatado aos céus e a impossibilidade de encontrá-lo (cf. 2Rs 2, 16-18; *Evangelho de Nicodemos* 15, 1). Pesch cita numerosos exemplos deste tipo de relatos, muito difundido na época. O relato, porém, utiliza esses gêneros de maneira muito independente. Mas o seu influxo explica a formação do mesmo e ajuda à sua interpretação. Cf. R. PESCH, p. 760-770.

ração figurativa(7), que utiliza com muita liberdade diversos gêneros literários, familiares aos ouvintes, para expressar o fato central do que-rigma cristão: Jesus ressuscitou e continua dirigindo a sua comunidade.

A fé cristã na ressurreição não se apoia no fato de ter sido achada por umas mulheres a tumba vazia; o texto não diz: "Jesus não está aqui, logo ressuscitou". A procura do sepulcro e a impossibilidade de encontrar o corpo de Jesus são o revestimento literário ou narrativo (com antecedentes na Bíblia e muito comum na literatura extra-bíblica do primeiro século) que põem o leitor diante do mensageiro celeste que anuncia a ressurreição, ou melhor, diante do anúncio celeste da ressurreição, porque a figura do jovem sentado à direita faz parte também do revestimento narrativo da mensagem. Como este anúncio, que só pode ter sua origem em Deus, chega ao leitor e se torna capaz de gerar a "obediência da fé", que, como recorda a *Dei Verbum*, só é devida a Deus(8), só o próprio texto poderá revelá-lo, na medida em que livres de nossos preconceitos nos aproximemos dele como ouvintes da Palavra e o deixemos falar. Este é precisamente o objeto deste estudo.

III. LEITURA DO TEXTO

1. "Compraram aromas para ungir o corpo... foram ao túmulo ao nascer do sol"

Fale, pois, o texto. É significativa a escolha das personagens do relato: as mulheres que foram testemunhas da sua morte, as únicas que

(7) Narração figurativa ou "lenda", no sentido técnico das formas literárias. "Na acepção moderna comum, este término denomina narrações que não visam fatos reais; estes relatos são por isso considerados 'lendários' e até tendenciosos, porque provenientes de uma determinada deformação da história. É esta uma interpretação muito exterior e errada, por si mesma excluída de uma séria consideração das formas literárias", K. KOCH, *Was ist Formgeschichte: Neue Wege der Bibelexegese*, Neukirchen-Vluyn 1967, p. 209, citado por PESCH, 1, p. 197, 5. As tentativas, porém, de diversos exegetas de procurar em Mc 16, 1-8 um núcleo histórico pelo procedimento de subtração de elementos legendários, chegando a uma forma mais simples da narração que permitisse reconstruir a história, resultam vãos neste caso. O que importa procurar não é um "resto" histórico, mas as condições e dados históricos (e aqui entra a investigação sobre os gêneros utilizados na época) que sustentam a "lenda". É por isso que, a partir dos dados da pesquisa histórico-crítica, no seu estado atual (que podem variar, com o progresso da mesma, não é permitido ao teólogo apoiar a fé na ressurreição no dado, por exemplo, do achado do sepulcro vazio (dado que, por outra parte, estaria sujeito a interpretações contraditórias). Cf. R. PESCH, 2, 781-784.

(8) *Dei Verbum*, n. 5.

dentre os discípulos acompanharam Jesus até o fim, na subida da Galiléia a Jerusalém(9). Move-as o desejo de ungir o corpo de Jesus(10). Se é lembrado que o relato da paixão em Marcos (14, 3-9) e também na história pré-marciana da paixão são introduzidos pela unção da mulher em Betânia, a intenção que move as mulheres a irem ao sepulcro ganha uma significação surpreendente. Porque a atitude da mulher em Betânia, colocada estrategicamente entre o propósito dos sacerdotes-chefes e dos escribas de matar Jesus (14, 1-2) e as manobras de Judas para o entregar a eles, aparece no relato como a atitude modelar do discípulo, perante a paixão do Mestre que o levará à morte. Sobretudo se é tida em conta a palavra laudatória de Jesus e a sua justificação: "Ela fez o que podia: antecipou-se a ungir o corpo para minha sepultura" (v. 8), contraposta à discreta crítica da atitude dos discípulos que a censuravam. Todos eles acabaram abandonando Jesus, enquanto as mulheres, embora de longe (e poderia ser de outra forma num mundo dominado pelos homens?) o seguem até o fim e se tornam assim as únicas testemunhas de sua morte na cruz(11).

Para chegar à fé na ressurreição, para poder receber a mensagem celeste é preciso acompanhar Jesus, com a atitude da mulher de Betânia e das mulheres que procuram ungir seu corpo na manhã do domingo da Páscoa, ao longo da paixão até a cruz. Os discípulos que fugiram não deverão refazer esse caminho com uma atitude nova para verem, na

-
- (9) Cf. 15, 40-41.47. Sobre a correspondência dos nomes ver V. TAYLOR, p. 598 e 603 e a opinião diferente (quanto ao número das mulheres mencionadas em 15, 40) de PESCH, 2, p. 739-742 e 770-771.
- (10) O motivo da unção não aparece já nos relatos dos evangelhos posteriores (Mt, Lc, Jo), que conservam, porém, a visita ao sepulcro. Diversas razões podem explicar esta correção do relato marciano, mas isto não prova que a inclusão do motivo não estivesse presente no relato desde a sua formação. Ele tem uma função muito importante, em referência a outros passos da narração da paixão (cf. 15, 47 e 14, 8). Tampouco é convincente a tentativa de fundar a historicidade da descoberta do sepulcro vazio e a origem do relato numa "lenda etiológica", relacionada com uma festa litúrgica da comunidade, caminhando em procissão ao sepulcro para celebrar a ressurreição do Senhor (cf. L. SCHENKEL, p. 89-93). Mc 16, 1-8 não pode ter sido um relato independente, como nota PESCH, e o gênero literário da procura e da impossibilidade de achar o corpo, tende antes a excluir do que a mostrar um interesse pelo sepulcro (cf. 2, p. 782). Pode-se ver também sobre isto X. LÉON-DUFOUR, p. 265-275; J. RADERMAKERS, p. 423-429; J. DELORME, *Résurrection et tombeau...*, p. 129-138.
- (11) A tradição de João acerca do discípulo amado e de Maria ao pé da cruz pode estar influenciada por intenções teológicas. Não é possível decidir a respeito do seu valor histórico. Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio según San Juan*, III, Barcelona 1980, p. 346s.

absurda condenação e execução de réu indefeso e abandonado de todos quantos o podiam defender (e as mulheres não tinham nenhuma possibilidade disso), a *paixão do justo* que leva as Escrituras ao seu cumprimento escatológico e recebe a justificação de Deus, tornando-se também causa de justificação para os que nele crêem?

A introdução no relato do motivo da unção do corpo, apesar do inusitado de tal propósito (embalsamar um morto sepultado há um dia e meio!), ou talvez por causa disso, se apresenta como um dado com uma intencionalidade teológica muito clara. Ele é, ao meu ver, mais do que preâmbulo narrativo necessário para que as mulheres possam descobrir o sepulcro vazio (12).

O caráter simbólico do relato aparece já desde o início. A hora da madrugada (*Ían proí*) e do nascer do sol (v. 2), no fim da noite, é como nota R. Pesch, "o momento da ajuda divina, o momento em que se revelam as suas ações de salvação" (13). A caminhada das mulheres ao sepulcro, para embalsamar o corpo (precisamente das mulheres "que o seguiam e serviam quando estava na Galiléia", 15, 41), não evocam o seguimento e o serviço levados pertinazmente até o fim, até o impossível? "Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?" (16, 3). O obstáculo está aí: a pedra do sepulcro, que "era muito grande" (v. 4), separando definitivamente o mundo dos vivos e dos mortos. O seguimento e o serviço de Jesus de Nazaré interrompidos brutalmente pelo assassinato do profeta! Mas o obstáculo tinha sido removido por Deus ao amor solícito das mulheres e elas podem entrar no sepulcro.

2. "Ressuscitou, não está aqui"

O relato chega ao seu centro, adotando a forma de relato epifânico. A veste branca caracteriza o jovem como um mensageiro celeste (14) e o estar à direita significa que deve referir uma mensagem alegre (15). Depois de dirigir às mulheres uma palavra de conforto, "não vos espanteis" típica dos relatos de epifania, o "anjo" interpreta o seu propósito de ungir o corpo: "Estais procurando Jesus de Nazaré, o Crucificado?",

(12) Intencionalidade teológica, contudo, que se apoia na história de Jesus: a fuga dos discípulos e o seguimento das mulheres até a cruz.

(13) R. PESCH, 2, p. 773.

(14) Os anjos ou mensageiros celestes são as figuras de que se serve a tradição bíblica para mostrar a transcendência de Deus na sua comunicação ao homem. Ver em 2 Mc 3, 26.33 uma descrição muito semelhante. Cf. E. SCHWEIZER, p. 393.

(15) R. PESCH, 2, p. 775.

e proclama o querigma da Igreja primitiva (cf. 1 Co 15, 4): *egérthe*, "foi ressuscitado" (16). O relato afirma assim a origem divina da fé eclesial na ressurreição de Jesus. Faz isso de forma narrativa mas não diz *o* como dessa gênese da fé, porque estamos diante do mistério, irreduzível às formas comuns da linguagem, da comunicação de Deus à sua criatura. Ou melhor, ele nos diz, de forma indireta, o lugar dessa comunicação: a procura de Jesus, o Crucificado, embora nos advirta que essa procura deve ser feita não entre os mortos, no *mnemeion*, o "memorial" ou "monumento" de um morto para os vindouros, mas na memória viva de comunidade de discípulos, reunida de novo pelo Ressuscitado na Galiléia — o lugar do chamado dos primeiros discípulos e da manifestação da sua *exousia*, do "poder divino" que por libertar os oprimidos suscitou a oposição dos poderes opressores até causar-lhe a morte. O anjo diz: "Não está aqui".

3. "Ele vos precede na Galiléia"

Por isso as mulheres devem deixar o sepulcro (*mnemeion*) (17) e ir dizer aos discípulos e a Pedro: "Ele vos precede na Galiléia; lá o vereis, como vos tinha dito" (v. 7). O texto é transparente: o lugar da manifestação do Ressuscitado não é o sepulcro, mas a comunidade dos discípulos, quando tiver sido reunida de novo pelo Senhor ressuscitado, conforme a profecia de Jesus no caminho do Monte das Oliveiras: "Todos vos escandalizareis, porque está escrito: *Ferirei o pastor e as ovelhas se dispersarão*. Mas, depois que eu ressurgir, preceder-vos-ei na Galiléia" (14, 27-28).

Que significa este preceder (*proágein*) de Jesus aos discípulos na Galiléia? O verbo aparece em 10, 32, num relato que pertence à história pré-marciana da paixão e que Marcos não submete a retoques redacionais (18). No caminho para Jerusalém Jesus precede, vai na frente, dos discípulos e dos peregrinos que o seguem, "cheios de temor". Jesus dirige o grupo nesta "subida" (o verbo *anabainein* é um termo cultual) (19) para a cidade santa e para o templo para celebrar a Páscoa, essa Páscoa

(16) A voz passiva (passivo divino) indica que a Ressurreição de Jesus é obra de Deus.

(17) Literalmente: memorial ou monumento. O túmulo é a desesperada tentativa de manter no mundo dos vivos a memória do "corpo" arrebatado pela morte. Mas é memória que esconde e condena ao olvido.

(18) Cf. R. PESCH, 2, p. 228. Para a análise de *proágein* em Marcos, apoiamo-nos principalmente no estudo de E. MANICARDI, p. 173-176.

(19) Cf. SCHNEIDER, no ThWNT I 516-521.

que vai estremecer todas as esperanças messiânicas dos seguidores nascidos na Galiléia e obrigá-los a repensar, à luz da Escritura, perante o inaudito dos acontecimentos, os incompreensíveis desígnios de Deus.

Marcos, seguindo a história pré-marciana da paixão, coloca neste momento a terceira profecia da Paixão e da Ressurreição. O pensamento do leitor, ou do ouvinte do relato, é levado naturalmente ao começo dessa história: Pedro, após a sua confissão messiânica em Cesaréia de Filipe, não pode compreender o destino de sofrimento e de morte do Messias, e Jesus, admoestando-o severamente lhe diz: "*Hýpage opíso mou, Satanã* (literalmente: Vai atrás de mim), porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens" (8, 33). Na redação de Marcos, que intercala neste momento uma série de *lógia* de Jesus sobre o seguimento, a advertência se torna mais significativa porque o discurso de Jesus começa com a expressão: "*Eí tis thélei opíso mou eltheîn* (se alguém quer vir atrás de mim) renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (8, 34).

É sabido que Pedro, em Marcos, é o protótipo do discípulo, que embora chegando a confessar Jesus como Cristo ou Messias, pode contudo, negar o Mestre, se não chega a compreender o seu destino de sofrimento e a deixar-se guiar por ele, esperando com ele do Pai, por meio da oração, a força para segui-lo até a cruz (cf. 14, 29-41, que segue a promessa de Jesus que estamos examinando). Uma vez que a promessa de Jesus está em relação com o escândalo(20) dos discípulos perante a morte iminente e a conseqüente dispersão da comunidade que eles formavam em torno ao Mestre, e levando em conta a relação dessa promessa com os textos analisados, aparece claro o seu sentido: Jesus, após a ressurreição, retomará a direção da comunidade dos discípulos e o seguimento — iniciado na Galiléia e interrompido em Jerusalém pelos trágicos acontecimentos dos dias da Páscoa — deverá continuar. O Ressuscitado está com o Pai e por isso ele *vive* também na comunidade, o relacionamento com Ele pode continuar, assim como a missão dos discípulos, e o tempo de sua manifestação na Galiléia se torna paradigmático para compreender esta ação do Senhor Jesus guiando e enviando os seus para a proclamação do evangelho de Deus (cf. 1, 14-15)(21). A imagem do Pastor, indo à frente do rebanho, implícito na promessa de 14, 27-

(20) 15, 27. Em 4, 17 *skandalízein* indica a atitude dos que, depois de haver acolhido a palavra deixam de escutá-la no momento da perseguição. Cf. E. MANICARDI, p. 172-173.

(21) Por ser o lugar do começo da proclamação da boa nova e do chamado dos discípulos é que a Galiléia adquire no relato de Marcos um caráter simbólico em relação ao seguimento. Por isso também a narração da história de Jesus ganha um sentido de atualidade para o seguimento pós-pascal de todo cristão.

28 através da referência a Zc 13, 7, confirma esta interpretação. E se compreende também por que a mensagem do anjo às mulheres deve ser levada aos discípulos "e a Pedro". É na medida em que os discípulos "reneguem" a atitude tipificada por Pedro na Paixão e voltem ao fiel seguimento do Mestre até a cruz, que eles poderão "ver" o Ressuscitado reunindo o rebanho disperso(22).

4. "Lá o vereis, como vos tinha dito"

"Lá o vereis" (v. 7) acrescenta o anjo. Alude o relato a uma aparição do Ressuscitado? Provavelmente não. A expressão usada nos relatos posteriores para referir-se às cristofanias é *óphthe*, um aoristo de forma passiva que traduz o nifal do verbo aramaico "ver", isto é, o passivo do verbo causativo (*hiphil*): fazer ver. O sujeito da expressão é o Ressuscitado: Ele se fez ver. Aponta-se assim nesses relatos de cristofanias para a causa última da experiência pascal dos discípulos: a ação divina. No relato que estamos analisando, pelo contrário, o sujeito da frase são os discípulos. A origem divina da experiência dos discípulos está presente no texto também, mas de outra forma: no "preceder de Jesus aos discípulos na Galiléia" que possibilitará o "ver" deles. Para que possa transparecer toda a riqueza reveladora do relato devemos situar esse "ver" no contexto da história pré-marciana da Paixão e do próprio Marcos(23).

Em 15, 39 lemos: "O centurião,... *vendo* que havia expirado deste modo, disse: Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus". E certamente o relato está dizendo, como pode ser mostrado através de uma análise estrutural do conjunto da narração, que a confissão da fé cristã em Jesus como Filho de Deus, só pode nascer do "ver" a trajetória de Jesus até a sua morte à luz dos textos da Escritura sobre a "paixão do justo". Por isso esse ver do centurião está em eloqüente contraste com a atitude dos sacerdotes-chefes e dos escribas em 15, 32 que pedem um outro sinal: "que desça agora da cruz, para que *vejamos* e *creiamos!*"

Na redação de Marcos, outros textos vem confirmar esta relação entre o "ver", ou melhor, entre as diversas formas de ver e o "crer". A citação de Isaías em 4, 12 que mostra ser necessária a conversão para poder "ver" o que se revela nas parábolas de Jesus e na parábola que é

(22) Cf. J. JEREMIAS, *Teologia do Novo Testamento*, São Paulo 1977, p. 449 s.

(23) Para uma análise de todos os textos de Marcos em que aparece o ver relacionado com a fé do discípulo, cf. E. MANICARDI, p. 178-182. Nossa leitura se inspira nesta análise.

sua própria vida(24) e a pergunta de Jesus aos discípulos em que é censurada sua falta de compreensão dos sinais dados por ele: "Tendes olhos e não vedes, ouvidos e não ouvistes?" (8, 18) e a sua falta de "memória": "Não lembrais, quando parti os cinco pães..." (8, 19). Não é da rememoração do caminhar terreno de Jesus que deverá surgir uma e outra vez na Igreja a fé pascal?

A conclusão pascal de Marcos, portanto, nada nos diz a respeito do tipo de experiência dos discípulos que dá origem à sua fé na Ressurreição: visões extáticas? Aparições do Ressuscitado? Iluminação interior? Ele nos diz, isso sim, que na base desta fé, no seu centro, está a "compreensão" do caminho do crucificado como "caminho de Deus", como o caminho de seu Messias que se revela como "Filho de Deus". É profundamente significativo que a afirmação explícita da exaltação de Jesus à direita do Pai apareça no relato em lábios de Jesus, no momento de sua máxima humilhação, quando como réu vai ser condenado pelo Sinédrio: "Vereis (*ópsesthe*) o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo com as nuvens dos céus" (14, 62). A este *ópsesthe* do tempo da paixão remete o *ópsesthe* do mensageiro pascal no sepulcro (16, 7). Esse "ver" — o relato não deixa lugar para dúvidas — não é fruto do esforço dos discípulos ou de um novo estado de ânimo: ele é causado pela presença do Senhor vivo à sua comunidade, pelo seu "precedê-los na Galiléia". Os relatos das aparições, portanto, dirão isto mesmo, de forma narrativa.

Eles também relacionaram constantemente este mostrar-se do Ressuscitado com a iluminação divina que faz compreender aos discípulos que o caminho do Filho do Homem, entregue à morte, é o caminho do Filho de Deus; que os faz "ver" a força reveladora desse caminho de humilhação da "paixão do justo". Baste lembrar, como confirmação, o capítulo 24 de Lucas, todo ele cadenciado pela repetição da referência de Jesus e das Escrituras à paixão e à justificação divina do Justo (cf. Lc 24, 6-7. 19-27. 44-48), como refrão que em alternância com a afirmação pascal da Ressurreição (v. 5, 23 e 34) servem de marco estruturante do relato(25).

(24) A tradução de Mc 4, 12 é muito controvertida. Se é aceita a tradução de J. JEREMIAS do termo grego *mépote* por "a não ser que" (com base no termo aramaico que estaria por trás dele) o texto fica transparente. A conversão é a linha divisória entre o olhar e ouvir que vê e compreende e o olhar sem ver e o ouvir sem compreender. Em todo caso esse parece ser o sentido da citação em boca de Jesus, embora com outras traduções, chegar a ele exija explicações mais complexas. Cf. J. ALONSO DÍAZ, p. 416-418.

(25) Ver a penetrante leitura de Lc 24 feita por M. CORBIN no último dos seis estudos cristológicos, recolhidos no seu livro: *L'inouï de Dieu*, Desclée de Brouwer 1980, p. 291-361.

Em Marcos a mensagem do anjo acaba com as palavras "como ele vos disse" que "sublinham a dependência dos discípulos da predição de Jesus: a fundação de sua fé no próprio Jesus"(26). A referência, portanto, da fé pascal à caminhada histórica de Jesus à Nazaré, amplamente desenvolvida nas cristofanias lucanas, está já presente no relato mais antigo da Ressurreição, uma vez que Marcos segue aqui fielmente a história pré-marciana da Paixão que ele recebe da tradição(27).

5. "Fugiram do túmulo... E nada contaram a ninguém, pois tinham medo"

O relato da Ressurreição se conclui com a reação de espanto das mulheres e o seu silêncio. Não há nenhum motivo convincente(28) para provar que Marcos tenha modificado a conclusão que recebe da tradição. O relato catequético da história da paixão acabava provavelmente desta forma: uma conclusão aberta que envia o leitor (ou melhor, o ouvinte) à experiência de fé da comunidade, que ele mesmo deve fazer. O temor e a fuga do sepulcro são reações típicas dos relatos da epifania (Mc 5, 14) e "a escolha deste motivo está já determinada pelo intento do narrador de concluir o relato" como nota acertadamente Pesch(29). A mensagem a elas confiada pelo anjo é um segredo desconcertante que, se reestabelece e ilumina as esperanças postas no profeta de Nazaré, obriga a rever todas as imagens messiânicas anteriores e a reler de uma maneira nova as Escrituras. Por isso as mulheres ficam possuídas pelo

(26) R. PESCH, 2, p. 779.

(27) Para o olhar que não fica na superfície dos relatos das aparições e se deixa guiar pela dinâmica da sua comunicação narrativa, mostrar-se-á que estes não fazem senão desenvolver e explicitar de maneira narrativa, aquilo que na antiga história da paixão era dito pelo re-envio à memória interiorizante do caminhar terreno de Jesus. Não há nenhum relato pascal que não se apoie nessa referência. Por isso Mc 16, 8-20 que termina com a exaltação de Jesus à direita do Pai é um final perfeitamente coerente com todo o relato (quanto ao conteúdo, não quanto ao estilo e ao modo de dizer). Ele explicita o que o relato dizia de outra forma e em outros momentos (no itinerário pré-pascal de Jesus). Saber que o relato podia ter já todo o seu sentido, sem esse final, afasta o perigo de fazer dele (assim como dos outros relatos das aparições) uma leitura que não capte o essencial da mensagem: a indissolubilidade da mensagem pascal e da memória da história de Jesus. Uma leitura interessante de Mc 16, 8-20 pode ser encontrada em P. LAMARCHE, p. 147-155.

(28) Contra a opinião de não poucos exegetas, R. PESCH afirma não haver razão para considerar o v. 7 uma ampliação secundária de um texto mais breve. Ver a argumentação em 2, p. 757-760.

(29) 2, p. 779.

temor e pelo assombro extáticos (*eíchen gar autàs trómos kai ékstasis*) que as deixam como fora de si.

“E não disseram nada a ninguém porque estavam atemorizadas”. (v. 8c). Apesar das inúmeras discussões sobre este silêncio, é provável que a interpretação seja mais óbvia do que essas controvérsias dão a entender. O narrador quer acentuar com esse “silêncio” o caráter “misterioso” da revelação recebida, e não há nenhum motivo para estender esse silêncio à comunicação no círculo restrito dos discípulos da mensagem dos anjos(30). O mistério de Deus, revelado no Cristo, não é uma notícia que possa ser comunicada a qualquer um e de qualquer forma. Somente, voltando à Galiléia, isto é, ao seguimento do Cristo, na nova forma de presença através da rememoração da sua originária proclamação do Evangelho, é que o discípulo poderá encontrar-se, ou melhor ser encontrado, ele próprio pelo Ressuscitado. Somente no querigma cristão, do qual o relato evangélico na sua totalidade não é mais do que um desenvolvimento catequético, pode ser anunciada de maneira eficaz a Ressurreição de Jesus. O silêncio das mulheres é um convite ao ouvinte do relato a empreender na comunidade cristã o seguimento do Senhor, guiado pelo testemunho dos discípulos e de Pedro, sem contentar-se com a simples notícia do fato presenciado pelas mulheres.

IV. REFLEXÃO TEOLÓGICA

Tendo chegado ao fim do relato pascal de Marcos, que concluí o seu evangelho, deixando-o porém aberto, impõe-se uma reflexão teológica, postulada por esta mesma abertura do relato.

O leitor moderno que inconscientemente é tentado a transferir para a leitura da história evangélica a atitude positivista com que se aproxima dos documentos da história profana pode ter ficado desapontado com a leitura aqui proposta. Qual é então “a prova” — perguntar-se-á — que permite afirmar com segurança a verdade da ressurreição de Jesus? Se não é possível argumentar a partir do encontro da tumba vazia (e certamente, na situação atual da pesquisa histórico-crítica do texto,

(30) Esta é a opinião de E. MANICARDI (cf. p. 181 n. 43) que nos parece plausível. Assim certamente leu o texto quem acrescentou o final breve (ver nossa nota 1), que podia começar naturalmente: “Mas elas narraram logo aos que estavam com Pedro...”, acrescentando contudo: “... o próprio Jesus, enviou por meio deles...” Uma leitura muito correta do texto de Marcos! As mulheres cumprem o encomendado, mas é só o encontro com o próprio Jesus, vindo a nós, que pode gerar a fé pascal.

não se pode considerar esse fato como historicamente certificado)(31); se, por outro lado, os relatos das aparições, dado o seu gênero literário, não são redutíveis a descrições, verificáveis pelos métodos de crítica histórica, de fatos pontuais da história dos discípulos (e poderia ser de outra forma tratando-se de encontros com Alguém que, tendo "passado" definitivamente para o Pai, vive para sempre no Mistério insondável da transcendência divina), qual é o apoio da fé cristã na Ressurreição de Jesus? Esta pergunta poderia ser formulada de outra forma: como a transcendência divina pode tocar a história e gerar a fé no Ressuscitado, nos discípulos e em nós?

Posta sob esta última forma, a pergunta encontra uma resposta clara: a transcendência divina toca a história pela mediação, única e singular, da Palavra feita carne em Jesus Cristo. Não é isto o que nos diz o final de Marcos ao ligar a "visão" do Ressuscitado à volta à Galiléia, reiniciando o "seguimento", interrompido pelos acontecimentos da última festa, que foram dar na cruz? A Ressurreição é por acaso outra coisa que a manifestação poderosa de Deus de que a morte então acontecida, e conseqüentemente todo o caminhar terreno que a ela conduz, é páscoa ou passagem definitiva e libertadora para Deus, tanto para Jesus como para os que se disponham a segui-lo? "A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; pelo Senhor foi feito isso, e é maravilhosa aos nossos olhos?" (Mc 12, 10-12). Esta citação do Salmo 118 é colocada no relato evangélico de Marcos, nos lábios de Jesus, após a parábola dos vinhateiros, pronunciada no templo pouco antes de sua morte. Mesmo sendo provável, conforme a crítica literária, que a referência ao salmo seja um acréscimo da comunidade ao narrar o evento à luz da Páscoa, de onde nasce a luz que permite reconhecer o cumprimento da Escritura, senão no próprio evento que é Jesus? E o fato da citação ser posta aqui, no tempo da vida terrena do Mestre, não está a indicar que é esse o lugar nunca suprimível, donde nasce a fé pascal? Isto mesmo era

(31) Conforme o que foi afirmado na nota 7. Isto, porém, em nada diminui a força comunicativa e reveladora do relato, antes pelo contrário a aumenta. Pensar também que a não-historicidade permite prescindir dele, no anúncio da fé pascal, supõe não ter entendido que as categorias narrativas não são na tradição bíblica "um procedimento retórico estranho ao conteúdo". Não será precisamente o recorrer a formas de narração que não apontam simplesmente para fatos circunscritos pelo espaço e pelo tempo, mas que devem ser referidos a estas categorias, uma forma muito apropriada para expressar a ação do Transcendente na história? Ver P. RICOEUR, *Herméneutique philosophique et herméneutique biblique*, em F. BOVON e G. ROUILLER (eds.), *Exegesis. Problèmes de méthode et exercices de lecture*, Neuchâtel 1975, p. 216-228.

indicado pela confissão de fé cristã colocada na boca do centurião ao pé da cruz(32).

É claro que este novo "ver" dos discípulos, que permite reconhecer o caminho terreno de Jesus como páscoa libertadora do Filho de Deus para o Pai, é fruto do Espírito dado aos homens na Morte-Ressurreição, como mostram inúmeros dados do NT e é veladamente dito por Marcos através do *exépneusen* com que é descrita a sua morte e do grande grito que a precede(33). Mas a ação do Espírito se realiza através da anamnese do caminho terreno de Jesus; do Caminho que é Ele próprio e torna possível que o caminhar do discípulo, "seguindo" o Ressuscitado, seja também páscoa que liberta, conduzindo a humanidade para Deus.

Experiência da Ressurreição, proclamação da fé Pascal e anamnese da história de Jesus estão, portanto, indissolivelmente ligadas. Este é o testemunho do Evangelho de Marcos. Isto é verdadeiro, quaisquer que tenham sido as experiências místicas dos discípulos (visões extáticas, cristofanias, iluminações interiores...) após a morte de Jesus, e independentemente do tempo transcorrido até a sua consciência plena da Ressurreição do Senhor e da sua presença viva à frente da comunidade(34). Essas experiências, conforme o testemunho de Marcos, confirmado pelo testemunho dos outros evangelhos, estão em dependência da anamnese

-
- (32) É provável que a afirmação do centurião tivesse no momento em que foi pronunciada o sentido que lhe dá Lucas (23, 47): "Certamente este homem era um justo". É o que um romano podia dizer com a expressão "um filho de Deus" (*huiòs tou theou*, sem artigo, Mc 15, 39), antes de ter passado pela catequese cristã. Mas no contexto do evangelho de Marcos ela adquire o sentido da confissão cristã, porque a confissão genérica *huiòs tou theou* pode ter um significado titular, "o Filho de Deus" (cf. E. SCHWEIZER, 375). É o "ver" a morte de Jesus (e a história que conduz a ela) que pode levar o paganismo (representado pelo centurião) à confissão da fé cristã.
- (33) 15, 37. O verbo *ekpneó* expirar, ou exalar o espírito, alude veladamente aqui a Jesus portador e doador do Espírito. Sobretudo pelo "grande grito" de Jesus, que caracteriza o portador do Espírito. Ver R. PESCH, 2, p. 726. A tradição posterior dos evangelhos irá explicitando progressivamente isto.
- (34) O fato de Lucas colocar no mesmo domingo da Páscoa as aparições do Ressuscitado e a sua Ascensão (contra o que ele afirma em Atos) está motivado certamente por razões teológicas, plenas de sentido, como também a localização em Jerusalém. Mas do ponto de vista da história, pareceria óbvio que os discípulos voltassem para a Galiléia, após os fatos desconcertantes da festa, e só mais tarde, depois que a consciência da presença do Ressuscitado e da missão por ele confiada fosse abrindo caminho aos seus espíritos conturbados, se encaminhassem a Jerusalém para proclamar, no centro do judaísmo, o querigma pascal de Jesus. Mas este é um assunto complexo que não pode ser discutido aqui, dada a escassez de dados históricos a respeito.

se da história de Jesus. O resultado delas é apresentado constantemente como a compreensão (causada pela ação divina e não apenas fruto da reflexão humana) dessa história como o cumprimento das profecias de Jesus e de todas as Escrituras. O relato da história da paixão, e também as outras histórias ou coleções de ditos de Jesus que completam a narração evangélica, são uma prova patente disso.

Eis por que se torna possível a certeza da fé, através do testemunho apostólico. O fato histórico incontestável, atestado pelos relatos pascais é a fé dos discípulos na Ressurreição, como também a consciência de que essa fé é causada por Deus, pela ação do seu Espírito que torna presente o Ressuscitado, dirigindo a comunidade e fazendo nascer a proclamação pascal, como memória da história de Jesus. Por ser esta proclamação, anamnese do caminho revelador de Jesus, é que pode gerar, também naqueles que não "viram e ouviram" o que os discípulos viram e ouviram, a fé em Jesus como Filho de Deus e Senhor, exaltado à direita do Pai. É assim que a fé pode ser resposta a Deus que se revela, ultrapassando em grau de certeza, a mera "credibilidade" que mereciam testemunhas idôneas e sinceras.

O ouvinte do relato evangélico pode fazer uma experiência semelhante à que fizeram os discípulos. Com uma diferença: a deles se apoia no contato visível com o Verbo da vida, feito carne; a do crente de hoje tem sua origem na "tradição" da história de Jesus, no relato evangélico (prolongado pelos outros escritos do NT e pela releitura do AT à luz do Cristo) que é "força de Deus, para a salvação de todo aquele que crê" (Rm 1, 16). Acontece, porém, que esta *dýnamis*, que é o próprio Espírito de Deus, revelado em Jesus, só pode ser reconhecida e acolhida no seguimento do Rabino de Nazaré (cf. Mc 3, 22-35), entrando no grupo dos seus discípulos, enviados para libertar os homens dos poderes diabólicos, mesmo sabendo que isto acarretará a associação ao seu destino de cruz, num mundo que mata os profetas. E isto tem implicações não poucas vezes desconcertantes, numa realidade em que o aviltamento do homem por esses poderes chega a proporções inconfessáveis(35).

Não sem razão o centro do evangelho de Marcos é constituído pelo convite de Jesus aos discípulos, após a confissão de Pedro (que representa o grupo todo), a segui-lo no caminho da cruz (8, 31-38). E é precisamente, nesse momento que o relato apresenta a cena da transfiguração: a glória do Ressuscitado se revela no caminho obscuro e cheio de contradições e perseguições de Jesus de Nazaré. Como no relato da Pás-

(35) Sobre a maneira como devemos ver esses "poderes diabólicos" na realidade que nos cerca, ver o que escrevi em O Evangelho de Marcos. Um roteiro inspirador para a Catequese, *Persp. Teol.* 14 (1982), p. 292-295.

coa, isto é dito de maneira narrativa, através de uma epifania. Que esta peça extraordinária de cristologia esteja colocada aí, é profundamente significativo. Confirma o que vinha-se dizendo ao longo deste artigo. A experiência pascal dos discípulos está intimamente ligada à experiência do seguimento durante a história terrena de Jesus. E o fato de que ela só possa ter sido escrita após a páscoa, não diminui em nada a sua verdade e a respeito da história de Jesus. Em toda vida humana há fatos cujo sentido só se revela no fim de toda a trajetória percorrida. Mas o sentido estava já presente no momento em que os fatos aconteceram.

V. CONSEQÜÊNCIAS CATEQUÉTICAS

Se o querigma cristão da Ressurreição do Senhor não pode prescindir da narração da história de Jesus, para que possa gerar a fé cristã, enquanto Palavra de Deus por ele pronunciada no hoje e no aqui de cada situação humana, reconhecível como tal e não apenas como testemunho humano de uma palavra pronunciada por Deus no passado, o centro da catequese cristã será sempre a "tradição" dessa história. A liturgia cristã, na estrutura fundamental da celebração eucarística, manteve sempre este princípio, ao menos de maneira formal, embora a homilética não tenha sabido muitas vezes explorar essa estrutura, perdendo-se em exortações moralizantes. E na atualidade, a julgar pelo testemunho dos fiéis, a situação não é talvez muito melhor do que no passado, mesmo quando a tendência moralizante apresenta um cunho social e político (o que certamente é um progresso). A catequética se desviou ainda mais, ao longo dos séculos, desta antiga tradição eclesial. A renovação da catequese, é verdade, nasceu sob a bandeira de uma volta ao cristocentrismo tradicional. Numerosos documentos o atestam. Mas, na prática, e apesar de existirem muitas experiências pioneiras, sobretudo nas pequenas comunidades dos pobres, a dissociação entre as afirmações doutrinárias e a história de Jesus, continua a marcar a catequese profundamente.

Mas, é possível narrar a história de Jesus? — perguntariam muitos catequistas, desconcertados com afirmações captadas superficialmente em cursos ou conferências de atualização exegetica? As afirmações extremadas da escola sócio-literária deixou suas marcas, e há feridas que demoram anos para cicatrizar. Graças a Deus, do mesmo trabalho paciente dos exegetas, chega até nós, nos trabalhos mais recentes e conscienciosos, uma voz que "nos últimos anos se vinha anunciando quase

em surdina" (36) e que pode devolver à catequese a confiança de poder narrar a história de Jesus.

Não se trata evidentemente de voltar a uma leitura ingênua dessa história, projetando nos escritos evangélicos uma concepção positivista da história que hoje não é aceita nem mesmo pela historiografia profana. Os evangelhos são história sagrada, certamente. Mas nem por isso deixam de ser história. E certamente a leitura das comunidades para as quais estas histórias foram escritas era bem menos ingênua do que nós estamos tentados de pensar. Essas comunidades sabiam muito bem da diferença que há entre narrar fatos puramente intramundanos e fatos da história humana que manifestam uma ação de Deus nessa história. Eram capazes de distinguir também entre um relato da vida de Jesus em que a transcendência da ação divina se revela na mesma ação humana considerada de maneira pontual, e uma construção literária de teologia narrativa, que, sem poder ser referida a um fato pontual da história de Jesus, não deixa de expressar uma verdade rigorosa dessa história olhada (é claro sempre à luz pascal da fé) no seu conjunto.

Em concreto, o evangelho de Marcos, está composto, na sua maior parte, por relatos do primeiro gênero de que falamos, emoldurados em algumas peças de teologia narrativa, provindas da tradição mais primitiva (e que por isso nos transmitem a cristologia dos primeiros discípulos, com origem, muitas vezes, na teologia do próprio Jesus). Estas narrações, longe de perturbar a possibilidade do acesso a Jesus, a facilitam, situando-nos na única perspectiva que pode captar a sua significação na história: a história do Filho do Homem que se revela como o Filho de Deus, a Palavra eterna feita carne.

Pode pois, a catequese narrar a história de Jesus, e a obra de Marcos, o mais antigo dos evangelhos, não só pela data da sua composição final, mas sobretudo pela antigüidade dos materiais que transmite, tem muito a inspirar à catequese de nosso tempo. Afinal, trata-se de uma obra catequética, que recolhe a mais antiga tradição catequética e missionária da Igreja e procura enraizar-se o mais possível na "tradição de Jesus", a tradição que remonta ao próprio Jesus e aos discípulos que testemunharam os passos de sua caminhada histórica (37).

(36) E. RUCKSTUHL, Ein neuer Markuskommentar: *Schweizerische Kirchenzeitung* 144 (1976) 729. Citado em PESCH, 2, 815 s.

(37) Contra a estendida opinião, dos últimos anos, da considerável contribuição "redacional" de Marcos, R. PESCH mostra no seu comentário (documentando conscienciosamente) que o autor do segundo evangelho é um escritor "conservador". Ele não modifica apenas os materiais que recebe da tradição. A sua originalidade deve buscar-se na "composição" desses materiais. Isto é da máxima importância para a cristologia e para a catequese.

Na medida em que a catequese saiba aproximar-se desta história, ela será capaz de pisar, mais e mais, o chão da realidade presente, essa realidade contraditória e angustiante nos países do terceiro mundo. Porque a história de Jesus é a revelação de Deus no chão acidentado de nossa história, e não é apenas construção teológica o fato de que, no evangelho de Marcos, a oposição a Jesus e as maquinações que vão tramando o seu destino de morte apareçam desde as primeiras páginas do relato e continuem escandindo as diversas etapas do mesmo, até o desenlace final.

Mostrar de maneira concreta como a catequese deva fazer isto, nas diversas etapas e situações da vida cristã, requeriria, e certamente mereceria, outro artigo. Baste por agora lembrar que o povo sabe muito bem que as verdades referentes ao mistério de Deus tocando a história humana se dizem melhor narrando. E a compreensão popular (como a compreensão infantil) de tais narrações talvez não seja tão ingênua como é tentado a pensar o homem que passou pela formação positivista.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. Comentários

- ALONSO DÍAZ, J., *Evangelio de San Marcos*, La S. Escritura, NT, 1, Madrid, 1961.
GNILKA, J., *Das Evangelium nach Markus*, 2, Zürich 1979.
LAGRANGE, M. - J., *Évangile selon Saint Marc*, Paris 1947.
NINEHAM, D. E., *Saint Mark*, London 1972.
PESCH, R., *Il vangelo di Marco*, 1, 2, Brescia 1980, 1982.
RADERMAKERS, J., *La Bonne Nouvelle de Jésus, selon Saint Marc*, Bruxelles 1974.
SCHMID, J., *Vangelo secondo Marco*, Brescia 1966.
SCHWEIZER, E., *Il vangelo secondo Marco*, Brescia 1971.
TAYLOR, V., *The Gospel according to St. Mark*, London 1966.
URICCHIO, F. N., - STANO, G., *Vangelo secondo Marco*, Roma 1966.

2. Outros estudos

- BOISMARD, *Synopse des quatre évangiles. II. Commentaire*, Paris 1972.
DE LA CALLE, F., *Situación al servicio del kerigma (Cuadro geográfico del evangelio de Marcos)*, Salamanca 1975.
DE LA CALLE, F., *Teologia de Marcos*, São Paulo 1978.

-
- DELORME, J., La Résurrection de Jésus dans le langage du NT, em H. CAZELLES (e.), *Le Langage de la Foi dans l'Écriture et dans le monde actuel*, Paris 1972, pp. 65-182.
- DELORME, J., Résurrection et tombeau de Jésus: Marc 17, 1-8 dans la tradition évangélique, em P. de SURGY et al., *La Résurrection du Christ et l'exégèse moderne*, Paris, 1969.
- LAMARCHE, P., *Révélation de Dieu chez Marc*, Paris 1976.
- LÉON DUFOUR, X., *Résurrection de Jésus et message pascal*, Paris 1971.
- MANICARDI, E., *Il cammino di Gesù nel vangelo di Marco*, Roma 1981.
- SCHENKEL, L., *Le tombeau vide et l'annonce de la Résurrection*, Paris 1970.

Juan A. Ruiz de Gopegui S.J. nasceu em Palencia (Espanha) e vive no Brasil desde 1952. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Anchieta de Nova Friburgo, RJ. Licenciado em Teologia pelo West-Baden College, Estados Unidos. Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana, de Roma, com a tese *Conhecimento de Deus e Evangelização* (Ed. Loyola, São Paulo 1977). Atualmente é professor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte, MG. É membro da Equipe Teológica do Instituto Nacional de Pastoral. Publicou vários livros de catequese, com múltiplas edições. Também livros de poesia e salmos, bem como artigos em revistas especializadas.

Endereço: Caixa Postal 5047 (Venda Nova) - 30000 Belo Horizonte - MG.